

KATE
QUINN

A
CAÇADORA

Tradução
Rogério Alves

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS
EDITORA

Editora

Raissa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Cleide Salme

Diagramação

Mayara Kelly

Título original*The Huntress*

ISBN:978-65-5924-028-9

Copyright © Kate Quinn, 2019

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com HarperCollins Publishers.

Tradução © Verus Editora, 2021

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Q64c Quinn, Kate, 1981-
A caçadora [recurso eletrônico] / Kate Quinn ; tradução Rogério Alves. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Verus, 2021.
recurso digital
Tradução de: The huntress
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5924-028-9 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Alves, Rogério. II. Título.

21-71353

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

*Para meu pai...
Quanta saudade!*

Prólogo

Outono de 1945
Altaussee, Áustria

Ela não estava acostumada a ser caçada.

O lago se estendia, azul e brilhante. A mulher o contemplava com as mãos apoiadas nas coxas. Ao lado dela, um jornal dobrado ocupava um lugar no banco. Todas as manchetes anunciavam prisões, mortes, julgamentos próximos. Os julgamentos aconteceriam em Nuremberg, ao que parecia. Ela nunca tinha estado em Nuremberg, mas conhecia os homens que seriam julgados lá. Alguns apenas pelo nome, com outros já tinha brindado à amizade com taças de champanhe. Estavam todos condenados. Crimes contra a paz. Crimes contra a humanidade. Crimes de guerra.

Com base em qual lei?, ela queria gritar, batendo os punhos fechados contra a injustiça de tudo aquilo. *Com base em qual direito?* Mas a guerra tinha acabado, e os vitoriosos ganharam a prerrogativa de decidir o que era crime e o que não era. O que era humano e o que não era.

Aquilo que eu fiz, ela pensou, *foi humano. Foi por piedade.* Mas os vitoriosos nunca aceitariam isso. Passariam todo o julgamento em Nuremberg e o tempo depois deliberando sobre quais atos cometidos sob as leis do passado significariam a derrocada de um homem.

Ou de uma mulher.

Ela tocou a garganta.

Fuja, pensou. Se eles a encontrarem, se perceberem o que você fez, vão colocar uma corda no seu pescoço.

Mas para onde ir em um mundo que tomou tudo o que ela amava? Este mundo de lobos caçadores. Ela já havia sido a caçadora, agora era a presa.

Então se esconda, pensou. Esconda-se nas sombras até que eles desistam de você.

Ela se levantou, andando sem rumo na beira do lago. Isso a fez se lembrar dolorosamente do lago Rusalka, seu paraíso na Polônia, agora arruinado e perdido para ela. Forçou-se a se manter em movimento, colocando um pé depois do outro. Não sabia para onde ir. Sabia apenas que se recusava a se acomodar naquele lugar, paralisada de medo, até ser descoberta e submetida à falsa justiça deles. Aos poucos, a solução se consolidava dentro dela.

Fugir.

Esconder-se.

Ou morrer.

A CAÇADORA

por IAN GRAHAM

Abril de 1946

Seis tiros.

Ela atirou seis vezes à margem do lago Rusalka, sem tentar esconder o que fez. Por que teria agido assim? O império do sonho de Hitler ainda precisava desmoronar para então mandá-la para as sombras. Naquela noite, sob a lua polonesa, ela podia fazer o que desejasse, e assassinou seis almas a sangue-frio.

Seis tiros, seis balas, seis corpos nas águas escuras do lago.

Eles estavam se escondendo perto da água, tremendo, os olhos arregalados de medo. Eram fugitivos de um dos trens que iam para leste, talvez, ou sobreviventes de um dos expurgos periódicos que aconteciam na região. A mulher morena os encontrou, confortou-os, disse-lhes que estavam seguros. Ela os levou para sua casa no lago e os alimentou, sorrindo.

Então os levou para fora... e os matou.

Talvez ela tenha ficado ali, admirando o reflexo da lua na água, sentindo o cheiro de pólvora.

O massacre noturno de seis pessoas durante a guerra foi apenas um dos crimes que ela cometeu. Houve outros. A caçada a trabalhadores poloneses nas densas florestas transformada em jogo. O assassinato, perto do fim da guerra, de um jovem inglês que fugiu do campo de prisioneiros. Quem sabe quais outros crimes ela guarda na consciência?

Eles a chamavam de *die Jägerin*, a Caçadora. Era a jovem amante de um oficial da SS na Polônia ocupada, a anfitriã de grandes festas no lago, um tiro certo. Talvez

fosse a *rusalka* que dá nome ao lago — o espírito letal, malévolo, da água.

Penso nela enquanto estou sentado entre os jornalistas no Palácio da Justiça em Nuremberg, assistindo ao desenrolar dos julgamentos dos crimes de guerra. A roda da Justiça gira, e os homens cabisbaixos na bancada dos réus serão punidos. Mas e os peixes menores, aqueles que se escondem nas sombras enquanto todos os holofotes estão virados para esta corte? E a Caçadora? Ela desapareceu quando a guerra terminou. Não era alguém que valesse a pena perseguir — uma mulher que tem as mãos sujas com o sangue de apenas uma dúzia de pessoas ou algo assim, enquanto os assassinos de milhões precisavam ser descobertos. Havia muitos como ela, peixes pequenos, que não valia a pena pescar.

Para onde eles vão?

Para onde *ela* foi?

Alguém vai retomar a caçada?

PARTE I



1

Jordan

Abril de 1946

Lago Selkie, três horas a oeste de Boston

— **Q**uem é ela, pai?

Jordan McBride fez a pergunta no momento certo: seu pai atrapalhou-se, surpreendido, bem quando lançava sua isca de pesca, que acabou no galho de uma macieira, e não dentro do lago. A câmera de Jordan fez *clique* e registrou a expressão cômica no rosto dele. Ela riu enquanto o pai dizia três ou quatro palavras que depois pediu para ela esquecer.

— Sim, senhor. — Ela já tinha ouvido todos aqueles palavrões antes, é claro. Acontece quando se é a filha única de um pai viúvo que a leva para pescar nos fins de semana da primavera no lugar do filho que não teve. O pai de Jordan levantou-se na ponta do pequeno deque e cortou a linha. Jordan levantou sua Leica para fazer outra fotografia da silhueta dele emoldurada pelo movimento das árvores e da água. Mexeria na imagem na sala escura depois, tentaria conseguir um efeito para deixar as folhas das árvores borradas, para que parecesse que ainda estavam se movendo na foto...

— Vamos, pai — ela disse. — Vamos ouvir a história da mulher

misteriosa.

Ele ajeitou seu boné do Red Sox.

— Que mulher misteriosa?

— Aquela com a qual sua secretária me contou que você estava saindo para jantar nas noites em que alegou que tinha ficado trabalhando até mais tarde. — Jordan prendeu a respiração, esperando. Não se lembrava da última vez que o pai tinha tido um encontro. As mulheres estavam sempre acenando os dedos com luvas na direção dele depois da missa, nas raras vezes em que ele e Jordan tinham ido à igreja. Mas, para desapontamento da filha, ele nunca tinha mostrado interesse.

— Não é nada, na verdade... — Ele se contorceu todo tentando se desdizer, mas não conseguiu enganar Jordan nem por um instante. Ela e o pai eram muito parecidos. Ela tinha tirado fotos suficientes para perceber a semelhança: narizes retos, sobrancelhas uniformes, cabelo loiro-escuro cortado curto, debaixo do boné do pai, e preso num rabo de cavalo descuidado, no caso de Jordan. Tinham até a mesma altura agora que ela estava quase chegando aos dezoito anos: estatura média para ele e alta para uma garota. Mas, para além das semelhanças físicas, Jordan *conhecia* o pai. Eram apenas os dois desde que ela tinha sete anos e sua mãe morrera, e ela sabia quando Dan McBride estava querendo lhe contar alguma coisa importante.

— Pai — ela disse. — *Desembuche*.

— Ela é viúva — por fim seu pai começou. Para diversão de Jordan, ele estava ficando vermelho. — A sra. Weber apareceu na loja pela primeira vez há três meses. — Durante a semana, usando terno de três peças, seu pai ocupava o posto oficial atrás do balcão da McBride Antiquidades, próxima da Newbury Street. — Ela tinha acabado de chegar a Boston para vender suas joias e conseguir pagar as contas. Eram algumas correntes e medalhões de ouro, nada fora do comum. Mas havia um colar de pérolas cinza, uma peça muito bonita. Tudo transcorria bem até que ela começou a chorar quando chegou a

hora de se despedir das pérolas.

— Deixe-me adivinhar. Você então as devolveu, galantemente, e ajustou o preço das outras peças para que ela saísse com o mesmo valor, como se tivesse vendido as pérolas.

Ele enrolou sua linha de pesca.

— Ela também saiu com um convite para jantar.

— Olhe só, Errol Flynn! Continue!

— Ela é austríaca, mas estudou inglês na escola, então fala quase perfeitamente. O marido morreu em 1943, em combate...

— De qual lado?

— Esse é o tipo de coisa que não deveria mais importar, Jordan. A guerra terminou. — Ele colocou uma nova isca. — Ela conseguiu os documentos para vir para Boston, mas a vida tem sido difícil. Ela tem uma filha...

— Ela *tem*?

— Ruth. Quatro anos. Ainda não aprendeu a língua. Uma coisinha doce — continuou, dando um puxão no boné de Jordan. — Você vai adorar a menina.

— Então já é sério — Jordan observou, surpresa. Seu pai não teria conhecido a filha dessa mulher se não fosse sério. Mas *quão* sério?

— A sra. Weber é uma boa mulher. — Ele lançou sua linha. — Gostaria que ela fosse jantar em casa na semana que vem. Ela e Ruth. Nós quatro.

Ele lhe lançou um olhar tímido, como se esperasse a reação negativa da filha. E parte dela reagiu dessa forma, Jordan admitiu. Dez anos sendo apenas ela e o pai, tendo uma *amizade* que poucas de suas amigas tinham com os pais... Mas, fora essa reação possessiva, era um alívio. Ele precisava de uma mulher em sua vida, Jordan sabia disso havia anos. Alguém com quem conversar, alguém para fazê-lo comer verdura. Alguém mais com quem ele pudesse contar.

Se ele tiver mais alguém na vida, talvez não seja tão cabeça-dura sobre deixar você ir para a faculdade, o pensamento chegou sussurrando, mas

Jordan o afastou. Era o momento de seu pai ser feliz, não de torcer para que as coisas acontecessem em seu próprio benefício. Além disso, ela *estava* feliz por ele. Vinha tirando fotos de seu pai havia muitos anos, e, não importava quanto ele sorrisse para a lente, as linhas do rosto que saíam destacadas do fluido de revelação diziam *solitário, solitário, solitário*.

— Não vejo a hora de conhecê-la — disse Jordan, com sinceridade.

— Ela vai trazer Ruth na próxima quarta às seis horas. — Ele tinha um ar inocente. — Convide Garrett, se quiser. Ele é da família também, ou pode ser...

— Sutil como um trem descarrilado, pai.

— Ele é um bom garoto. E os pais dele adoram você.

— No momento, ele está preocupado com a faculdade. Talvez não tenha muito tempo para garotas da escola. Mas você poderia me mandar para a Universidade de Boston com ele — começou Jordan. — Os cursos de fotografia que eles oferecem...

— Boa tentativa, senhorita. — Seu pai olhou para o lago. — Os peixes não estão mordendo a isca. — E ele também não.

Taro, a labrador preta de Jordan, levantou o focinho de onde estava tomando sol no deque quando a menina e o pai voltaram para a margem. Jordan fotografou suas silhuetas lado a lado sobre a madeira úmida, pensando em como ficariam *quatro* silhuetas. *Por favor*, Jordan pediu, pensando na desconhecida sra. Weber, *por favor, me deixe gostar de você*.

Uma mão elegante se estendeu enquanto os olhos azuis sorriam.

— É um prazer finalmente conhecê-la.

Jordan apertou a mão da mulher que seu pai tinha acabado de levar para a sala de estar. Anneliese Weber era pequena e esbelta e estava com o cabelo escuro preso em um coque lustroso na nuca. A única joia que usava era um colar de pérolas cinza. Usava um vestido

florido sóbrio e luvas cerzidas, mas impecáveis. Uma elegância discreta com toques de imperfeição. O rosto era jovem — tinha vinte e oito anos, segundo o pai de Jordan —, mas os olhos pareciam mais velhos. Claro que pareciam. Ela era uma viúva de guerra, mãe de uma criança e estava recomeçando em um país diferente.

— Um prazer conhecê-la — Jordan disse sinceramente. — Esta deve ser a Ruth! — A criança ao lado de Anneliese Weber era uma graça, trancinhas loiras, casaco azul e uma expressão grave. Jordan estendeu a mão, mas Ruth escondeu a dela.

— Ela é tímida — Anneliese se desculpou. A voz dela era clara e baixa, quase sem nenhum sotaque alemão. Apenas um leve toque nos Vs. — O mundo de Ruth tem estado um pouco agitado.

— Na sua idade eu também não gostava de estranhos — Jordan disse à menina.

Não era exatamente verdade, mas algo no rostinho desconfiado de Ruth fez Jordan desejar deixá-la à vontade. Ela também queria muito tirar uma foto de Ruth. Aquelas bochechas gordinhas e as tranças loiras tomariam conta das lentes. O pai de Jordan pegou os casacos, e ela se apressou até a cozinha para ver o bolo de carne. Quando voltou, arrumando o pano que tinha enrolado na cintura para proteger seu tafetá verde de domingo, o pai servia as bebidas. Ruth estava sentada no sofá com um copo de leite enquanto Anneliese Weber experimentava o xerez e examinava a sala.

— Uma casa adorável. Você é tão nova para cuidar da casa para seu pai, Jordan, mas faz isso muito bem.

Bondade dela mentir, aprovou Jordan. A casa dos McBride sempre parecia desarrumada: uma construção estreita de tijolos de três andares no lado classe média ao sul de Boston, onde as escadas eram íngremes, os sofás gastos e confortáveis, os tapetes sempre desalinhados. Anneliese Weber não parecia o tipo de pessoa que aprova coisas desalinhadas, considerando a coluna ereta e o cabelo todo arrumado, mas passou os olhos pela sala demonstrando

aprovação.

— Você que tirou? — Ela fez um gesto para uma fotografia do parque Boston Common envolto em névoa e registrado de um ângulo que o fazia parecer de outro mundo, uma paisagem de sonho. — Seu pai me disse que você é uma... Como é a palavra? Uma fotógrafa?

— Sim — Jordan assentiu. — Mais tarde posso tirar uma foto sua?

— Não dê corda a ela. — O pai de Jordan conduziu Anneliese para o sofá com um leve toque em suas costas, sorrindo. — Jordan já passa muito tempo vendo tudo através de uma lente.

— Melhor do que ficar olhando para um espelho ou uma tela de cinema — Anneliese respondeu inesperadamente. — As meninas deveriam ter mais do que batons e fofoca na cabeça, ou vão deixar de ser garotas bobas para se tornarem mulheres mais bobas ainda. Você faz aulas... de fotografia?

— Sempre que posso. — Desde os catorze anos, Jordan se matriculava em aulas de fotografia que podia pagar com seu dinheiro, além de se enfiar nas aulas da faculdade sempre que conseguia encontrar um professor que fizesse vista grossa para a presença de uma jovem do ensino médio sentada na última fileira. — Eu faço cursos, estudo por conta própria, pratico...

— Precisamos levar a sério as coisas que queremos fazer bem — Anneliese opinou, em aprovação.

Um calor começou a tomar conta do peito de Jordan. *Levar a sério. Fazer bem.* Seu pai nunca tinha visto as fotografias de Jordan dessa maneira. “Fica perdendo tempo por aí com uma câmera”, ele dizia, balançando a cabeça. “Bom, você ainda vai largar mão disso.” “Não vou largar mão”, Jordan respondera aos quinze anos. “Serei a próxima Margaret Bourke-White.”

“Margaret o quê?”, ele retrucara, rindo. Fora uma risada amável, indulgente, mas ainda assim uma risada.

Anneliese não riu. Ela olhou para a foto de Jordan e fez um gesto de aprovação. Pela primeira vez Jordan permitiu-se pensar na palavra:

Madrasta...?

Na mesa de jantar que Jordan tinha arrumado com a porcelana de domingo, Anneliese fez perguntas sobre a loja de antiguidades enquanto o pai de Jordan enchia o prato dela com pedaços bem escolhidos de tudo.

— Conheço um truque excelente para deixar vidro colorido brilhando — ela disse, enquanto ele falava sobre um conjunto de abajures da Tiffany que tinha conseguido em um leilão. Ela corrigiu sutilmente o jeito de Ruth segurar o garfo enquanto ouvia Jordan falar sobre o baile da escola. — Você certamente tem um namorado, uma menina bonita assim.

— Garrett Byrne — disse o pai de Jordan, antecipando-se. — Um bom rapaz, alistou-se para ser piloto no fim da guerra. Mas nunca viu o combate. Recebeu dispensa médica quando quebrou a perna durante o treinamento. Você vai conhecê-lo no domingo, se quiser nos acompanhar à missa.

— Eu gostaria, sim. Tenho tentado muito fazer amigos em Boston. Vocês vão toda semana?

— Claro.

Jordan tossiu em seu guardanapo. Ela e o pai não iam mais que duas vezes por ano à missa, na Páscoa e no Natal, mas naquele momento, sentado à cabeceira da mesa, ele irradiava devoção. Anneliese sorriu, também irradiando devoção, e Jordan refletiu sobre o comportamento dos casais. Ela via aquilo todos os dias nos corredores da escola. E, aparentemente, a geração mais velha não era diferente. Talvez existisse um ensaio fotográfico sobre isso, uma série de fotografias comparativas de casais de todas as idades flertando, com destaque para as semelhanças que transcendem a idade. Com os títulos e as legendas certas, talvez fosse uma obra forte o bastante para oferecer a uma revista ou jornal...

Os pratos foram esvaziados, o café servido. Jordan cortou a torta Boston cream que Anneliese tinha levado.

— Embora eu não entenda o motivo de vocês chamarem isto de torta — ela disse, os olhos azuis brilhando. — Isto é um bolo, e não tente convencer uma austríaca do contrário. Nós conhecemos bolos na Áustria.

— Seu inglês é muito bom — Jordan elogiou. Ela não podia dizer nada sobre o de Ruth, que não tinha falado uma palavra sequer até aquele momento.

— Estudei inglês na escola. E meu marido falava por causa dos negócios, então eu praticava com ele.

Jordan queria perguntar como Anneliese tinha perdido o marido, mas seu pai lhe lançou um olhar de aviso. Ele tinha dado instruções claras: “Não vá perguntar para a sra. Weber sobre a guerra ou sobre o marido. Ela já deixou bem claro que foram tempos dolorosos”.

“Mas não queremos saber tudo sobre ela?” Por mais que Jordan quisesse que seu pai tivesse alguém especial em sua vida, precisava ser a pessoa *certa*. “Por que é errado?”

“Porque as pessoas não são obrigadas a expor velhas feridas ou lavar a roupa suja só porque você quer saber”, ele respondeu. “Ninguém quer falar sobre uma guerra depois de ter sobrevivido a ela, Jordan McBride. Por isso, não cutuque feridas que podem magoar, e sem histórias malucas também.”

Jordan ficou vermelha. *Histórias malucas...* Era um mau hábito voltando dez anos no tempo. Ela não se lembrava quando, mas sua mãe tinha ido para o hospital, e a pequena Jordan de sete anos ficara com uma tia estúpida e bem-intencionada que lhe disse: “Sua mãe foi embora”, e não contou para onde. Então Jordan inventava uma história diferente a cada dia: “Ela foi comprar leite. Ela foi ao cabeleireiro”. Quanto mais sua mãe demorava a voltar, mais fantásticas as histórias ficavam: “Ela foi ao baile como Cinderela. Ela foi para a Califórnia ser uma estrela de cinema”. Até que seu pai chegou em casa chorando e disse: “Sua mãe foi morar com os anjos”, e Jordan não entendeu por que a história dele tinha de ser a real,

então continuou criando as próprias. “Jordan e suas histórias malucas”, sua professora brincava. “Por que ela faz isso?”

Jordan poderia ter dito: *Porque ninguém me contou a verdade. Porque ninguém me falou: “Ela está doente e você não pode vê-la porque pode se contaminar”, então eu inventei alguma coisa melhor para pôr no lugar.*

Talvez por isso ela tenha se agarrado de tal maneira à sua primeira Kodak aos nove anos. Não havia *lacunas* nas fotografias; não havia nenhuma necessidade de preenchê-las com histórias. Com uma câmera, ela não precisava contar histórias; podia contar a verdade.

Taro entrou na sala de jantar, interrompendo os pensamentos de Jordan. Pela primeira vez ela viu Ruth se animar.

— *Hund!*

— Em inglês, Ruth — sua mãe corrigiu, mas a menina já estava no chão estendendo as mãos tímidas.

— *Hund* — repetiu, coçando as orelhas de Taro.

O coração de Jordan derreteu.

— Vou tirar uma foto — ela anunciou, saindo de sua cadeira e indo buscar a Leica na mesa do hall.

Quando voltou e começou a clicar, Taro estava no colo de Ruth enquanto Anneliese falava calmamente:

— Se Ruth parece muito quieta ou age de maneira estranha... bem, vocês precisam saber que em Altaussee, antes de irmos embora da Áustria, tivemos um encontro bastante desagradável à beira do lago. Uma refugiada tentou nos roubar... Isso deixou Ruth ainda mais desconfiada e estranha perto de pessoas desconhecidas. — Aquilo parecia ser tudo que Anneliese diria.

Jordan guardou suas perguntas para si antes que o pai lhe lançasse outro olhar. Ele estava perfeitamente correto quando comentou que Anneliese Weber não era a única pessoa que não se interessava em discutir a guerra; ninguém se interessava. Primeiro todos tinham celebrado, e agora tudo o que queriam era esquecer. Jordan achava difícil acreditar que naquela mesma época no ano anterior ainda

existiam notícias sobre a guerra e estrelas penduradas nas janelas, hortas de guerra e meninos na escola se perguntando se tudo estaria terminado quando tivessem idade para se alistar.

Anneliese sorriu para a filha.

— O cachorro gostou de você, Ruth.

— O nome dela é Taro — disse Jordan, tirando fotos: a menininha estava com seu pequeno nariz sardento encostado no focinho úmido da cachorra.

— Taro — Anneliese saboreou a palavra. — Que nome é esse?

— De Gerda Taro... a primeira fotógrafa a cobrir um front de guerra.

— E ela morreu fazendo isso, então já chega de mulheres tirando fotos em zonas de conflito — retrucou o pai de Jordan.

— Deixe-me fazer algumas fotos de vocês dois...

— Por favor, não. — Anneliese virou o rosto com um gesto de timidez. — Eu odeio ser fotografada.

— São só registros para a família — Jordan assegurou. Ela gostava de closes espontâneos mais que de fotografias formais. Tripés e equipamento de iluminação deixam pessoas que têm vergonha da câmara ainda mais incomodadas. Elas vestem uma máscara, e a foto não fica *real*. Jordan preferia ficar rondando até que a pessoa esquecesse que ela estava lá, até que esquecesse a máscara e relaxasse mostrando o que realmente era. Não há como esconder de uma câmara o que você é.

Anneliese se levantou para tirar a mesa, o pai de Jordan ajudava com a louça pesada enquanto a garota se movia silenciosamente e clicava. Ruth foi convencida a se afastar de Taro e a recolher a manteigueira. Logo o pai estava descrevendo o chalé de caça deles.

— É um lugar muito agradável. Meu pai construiu. Jordan gosta de fotografar o lago. Eu vou para pescar e dar uns tiros.

Anneliese se afastou um pouco da pia.

— Você caça?

O pai de Jordan pareceu um pouco ansioso.

— Algumas mulheres odeiam o barulho e a bagunça...

— De jeito nenhum...

Jordan largou sua câmera e foi ajudar a lavar os pratos. Anneliese se ofereceu para secar, mas Jordan a afastou para que ela tivesse oportunidade de admirar a habilidade de Daniel McBride com um pano de prato. Nenhuma mulher deixaria de se encantar por um homem que sabe secar a louça corretamente.

Anneliese se despediu logo depois. O pai de Jordan deu um beijo em sua bochecha, mas seu braço envolveu a cintura dela por um instante, fazendo Jordan sorrir. Anneliese então apertou a mão de Jordan calorosamente e Ruth esticou a ponta dos dedos dessa vez, bem melecados pela língua afetuosa de Taro. Elas desceram a escada íngreme para a noite fria de primavera, e o pai de Jordan fechou a porta. Antes que ele pudesse perguntar, Jordan lhe deu um beijo na bochecha.

— Gostei dela, papai. De verdade.



Mas ela não conseguiu dormir.

O prédio alto e estreito de tijolos tinha um pequeno porão com uma saída particular para a rua. Jordan tinha que andar pelo lado de fora da casa, depois descer as escadas mais íngremes até a portinhola que ficava abaixo do nível da calçada, mas a privacidade e a falta de luz tornavam aquele lugar perfeito para os propósitos dela. Quando tinha catorze anos e estava aprendendo a revelar os próprios negativos, seu pai tinha deixado que ela limpasse a sujeira e montasse ali uma sala escura.

Jordan parou na porta, sentindo o cheiro familiar dos produtos químicos e dos equipamentos. Aquele era o *seu* espaço, muito mais que o quarto aconchegante que ficava no andar de cima, com a cama

estreita e a escrivaninha. Naquele cômodo, ela deixava de ser Jordan McBride, com seu rabo de cavalo desarrumado e sua bolsa de livros escolares, e se tornava J. Bryde, fotógrafa profissional. J. Bryde seria sua assinatura algum dia, quando ela se tornasse uma profissional como seus ídolos, cujos rostos a olhavam das paredes da sala escura: Margaret Bourke-White ajoelhada com sua câmera sobre a cabeça maciça de uma águia estilizada no alto dos sessenta e um andares do edifício Chrysler, imune à altura; Gerda Taro agachada atrás de um soldado espanhol, apoiada em uma pilha de escombros enquanto procurava pelo melhor ângulo.

Em um dia normal, Jordan teria gastado algum tempo para cumprimentar suas heroínas, mas alguma coisa a estava incomodando. Ela não tinha certeza do que era, então começou a arrumar as bandejas e os produtos químicos com a velocidade de quem tem bastante prática.

Pegou os negativos das imagens que tinha feito durante o jantar, transferindo uma por vez para o papel. Fazendo o filme deslizar pelo revelador sob o brilho vermelho da luz de segurança, Jordan viu as imagens surgirem através do fluido uma a uma, como fantasmas. Ruth brincando com o cachorro; Anneliese Weber fugindo da câmera; Anneliese de costas, lavando louça... Jordan passou as folhas pelo fluido interruptor, pelo fixador, deixou escorrer os líquidos em suas bandejas, transferindo as impressões para a pequena pia para serem lavadas e então penduradas na corda para secar. Ela examinou as imagens atentamente.

— O que você está procurando? — Jordan se perguntou em voz alta. Ela tinha mania de falar sozinha quando estava ali. Gostaria de ter um colega fotógrafo para dividir a conversa da sala escura. Seria perfeito se fosse um correspondente de guerra húngaro atraente. Examinou as imagens penduradas de novo. — O que chamou a sua atenção, J. Bryde? — Não era a primeira vez que ela tinha aquela sensação estranha sobre um clique mesmo antes de a imagem estar

impressa. Era como se a câmera tivesse visto alguma coisa que ela não vira, incomodando-a até que ela enxergasse com os próprios olhos e não apenas através das lentes.

Na metade dos casos, é claro, a sensação não tinha razão de ser.

— Esta. — Jordan se ouviu dizendo. A imagem de Anneliese Weber na pia, meio virada para a máquina. Jordan aproximou os olhos da imagem, mas estava muito pequena. Então ela a revelou novamente, ampliando-a. Meia-noite. Ela não se importava. Trabalhou até que a impressão ampliada estivesse pendurada na corda.

Jordan deu um passo para trás, as mãos nos quadris, olhando para a imagem.

— Objetivamente — ela disse em voz alta —, esta é uma das melhores fotos que você já fez. — O *clique* da Leica tinha capturado Anneliese emoldurada pelo arco da janela da cozinha, pela primeira vez meio virada em direção à câmera, e não fugindo dela. O contraste entre o cabelo preto e o rosto pálido estava muito bonito. Mas...

— Subjetivamente — Jordan continuou —, esta maldita foto ficou assustadora. — Ela não falava assim sempre, seu pai não tolerava aquela linguagem, mas, se tinha uma ocasião que merecia um “maldita”, era aquela.

Era a expressão no rosto da austríaca. Jordan tinha ficado sentada na frente daquele rosto a noite toda e não vira nada além de um interesse educado e uma dignidade tranquila, mas na fotografia surgiu outra mulher. Ela sorria, mas não era um sorriso agradável. Os olhos estavam semicerrados e as mãos seguravam o pano de prato fechadas com uma força fora do comum. Durante toda a noite Anneliese parecera gentil e frágil e agira como uma dama. Mas não parecia desse jeito naquela foto. Ali ela parecia adorável e inquietante e...

— Cruel. — A palavra saiu de sua boca antes que Jordan soubesse que estava pensando nela. Ela chacoalhou a cabeça. Porque *qualquer um* pode tirar uma foto ruim: tempo ou iluminação errados podem

deixar a pessoa com os olhos meio fechados e dar uma aparência maliciosa, ou então pegá-la com a boca aberta e deixá-la parecendo boba. Fotografe Hedy Lamarr do jeito errado e ela se transforma de Branca de Neve em Rainha Má. As câmeras não mentem, mas podem certamente enganar.

Jordan se aproximou do prendedor que segurava a imagem e sentiu aquele olhar afiado.

— O que você estava falando exatamente nesse minuto? — O pai de Jordan havia comentado sobre o chalé...

— *Você caça?*

— *Algumas mulheres odeiam o barulho e a bagunça...*

— *De jeito nenhum...*

Jordan chacoalhou a cabeça novamente, fazendo um movimento para jogar a imagem longe. Seu pai não gostaria daquilo: ele pensaria que ela estava distorcendo a imagem para ver alguma coisa que não estava lá. *Jordan e suas histórias malucas.*

Mas eu não distorci, Jordan pensou. É ela que é assim.

Ela então guardou a foto em uma gaveta. Mesmo que a confundisse, ainda era uma das melhores fotografias que havia tirado. Não conseguiria jogá-la fora.

2

Ian

Abril de 1950
Colônia, Alemanha

Em cerca de metade das vezes, eles tentavam correr.

Por um momento o parceiro de Ian Graham o acompanhou, mas, embora Tony fosse mais de uma década mais jovem que Ian, era um palmo mais baixo, e os passos longos de Ian o empurravam para a frente em direção à presa deles: um homem de meia-idade vestindo um paletó cinza que se esquivava desesperadamente, desviando de uma família alemã que se afastava da área de banho da praia ainda com as toalhas molhadas. Ian acelerou o máximo que pôde, sentindo o chapéu voar longe, sem pensar em gritar para que o homem parasse. Eles nunca paravam. Correriam até o fim do mundo para se livrar das coisas que tinham feito.

Sem entender nada, a família alemã parou, observando. A mãe carregava brinquedos de praia — uma pá, um balde vermelho transbordando de areia molhada. Desviando, Ian pegou o balde da mão dela com um grito “Perdão...”, diminuiu o passo o suficiente para mirar e o atirou com força nos pés do fugitivo. O homem tropeçou, cambaleou, colocou-se de volta em movimento, e, nesse momento,

Tony ultrapassou Ian e se jogou sobre ele, derrubando-o. Ian diminuiu o passo enquanto os dois homens rolavam um sobre o outro, sentindo seu peito se abrindo como um fole. Ele recuperou o balde e o devolveu à assustada mãe alemã com um agradecimento e um meio sorriso.

— Ao seu dispor, senhora.

Virando-se em direção à presa, ele viu o homem embolado no chão, choramingando, enquanto Tony se dobrava sobre ele.

— É melhor você não ter dado um soco nele — Ian avisou ao parceiro.

— Foi o peso dos pecados dele que o derrubou, não o meu punho. — Tony Rodomovsky endireitou-se: vinte e seis anos, pele bronzeada, olhos escuros intensos próprios de um europeu e a insolência desordenada de um norte-americano. Ian o conhecera depois da guerra, um jovem sargento com sangue polaco-húngaro criado no Queens que vestia o uniforme mais malpassado que Ian já tivera o desgosto de ver.

— Boa bola curva com aquele baldinho — Tony continuou, animado. — Não vá me dizer que você jogou nos Yankees.

— Fui arremessador contra o Eton, jogando em casa em 1929. — Ian recuperou seu chapéu, apertando-o sobre o cabelo negro, que estava salpicado de cinza desde a praia de Omaha. — Você assume a partir daqui?

Tony olhou para o homem no chão.

— E então, senhor? Podemos continuar a conversa que estávamos tendo antes de eu mencionar determinada floresta na Estônia e suas atividades nela, quando você decidiu praticar os cinquenta metros rasos?

O homem começou a chorar, e Ian olhou para o azul do lago combatendo a sensação habitual de anticlímax. O sujeito que se acabava em lágrimas no chão tinha sido um *SS Sturmbannführer* no *Einsatzgruppe D*, que ordenara a morte de cento e cinquenta homens

na Estônia em 1941. *Mais que isso*, Ian pensou. Aqueles esquadrões da morte orientais haviam derrubado centenas de milhares nas trincheiras rasas. Mas ele tinha documentação sobre cento e cinquenta em seu escritório em Viena e o testemunho de um par de sobreviventes de rosto cinza e mãos trêmulas que haviam conseguido fugir. Os cento e cinquenta eram suficientes para levar o homem a julgamento, talvez até pôr uma corda no pescoço do monstro.

Momentos como aquele deveriam ser gloriosos, mas nunca eram. Os monstros sempre pareciam comuns e patéticos ao vivo.

— Eu não fiz nada — o homem soltou em meio às lágrimas — dessas coisas que você disse que eu fiz. — Ian se limitou a olhar para ele. — Só fiz o que os outros fizeram. O que me mandaram fazer. Estava dentro da lei...

Ian apoiou um joelho ao lado do homem, levantando o queixo dele com o dedo. Esperou até que seus olhos vermelhos encontrassem os dele.

— Não quero saber se eram ordens — ele retrucou calmamente. — Não me interessa se era legalmente permitido na época. As suas desculpas não me interessam. Você é um lacaios sem alma que puxou o gatilho, e eu vou vê-lo enfrentar um juiz.

O homem se curvou. Ian levantou e se virou, engolindo a raiva vermelha e crua antes que ela explodisse e o fizesse bater no homem até acabar com ele. Era sempre a maldita fala sobre as *ordens* que lhe dava vontade de rasgar gargantas. *Todos falam isso, não falam?* Era quando ele queria afundar as mãos ao redor do pescoço deles e olhar dentro de seus olhos confusos enquanto morriam asfixiados por suas desculpas.

Julgamento, fugiste para as bestas brutais, e os homens perderam a razão... Ian respirou devagar e de maneira controlada. *Mas não eu.* O controle é o que separa os homens das bestas, e *eles* eram as bestas.

— Fique de olho nele até que seja preso — ordenou, tenso, para Tony e voltou para o hotel para fazer uma ligação.

— Bauer. — A voz estava arranhando.

Ian ajustou o aparelho na orelha direita, cuja audição não tinha sido afetada por um desastroso ataque aéreo na Espanha em 1937, e falou em alemão, que ele sabia ainda ter sotaque britânico apesar de todos os anos no exterior.

— Pegamos o homem.

— Ótimo! Vou começar a pressionar o procurador do Estado em Bonn, forçar para levar o *Hurensohn* a julgamento.

— Fique na cola do procurador, Fritz. Quero esse filho da puta na frente do juiz mais duro de Bonn.

Fritz Bauer grunhiu. Ian visualizou seu amigo sentado atrás de uma mesa em Braunschweig, os tufos de cabelo cinza ao redor da careca, fumando seus cigarros eternos. Ele tinha fugido da Alemanha para a Dinamarca e a Suécia durante a guerra, antes de ter uma estrela amarela colada no braço e ser enviado de navio para o leste. Ele e Ian tinham se conhecido depois do primeiro dos julgamentos de Nuremberg — e alguns anos depois, quando as equipes de investigação de crimes de guerra estavam sendo desfeitas por falta de fundos e Ian tinha começado a própria operação com Tony, ele procurara Bauer.

“Nós encontramos os culpados”, Ian propôs, entre um copo de uísque e metade de um maço de cigarros, “e você os faz ser processados.”

“Não vamos fazer amigos”, Bauer tinha avisado com um sorriso sem alegria, e ele estava certo. O homem que tinham detido naquele dia poderia ir para uma cela por seus crimes, poderia se livrar com um gesto, ou poderia nunca ser julgado. Quem se importava em punir os culpados? “Deixe-os em paz”, um juiz tinha aconselhado Ian não fazia muito tempo. “Os nazistas estão vencidos e acabados. Preocupe-se com os russos agora, não com os alemães.”

“Você se preocupa com a próxima guerra”, Ian tinha respondido. “Alguém precisa limpar a sujeira da última.”

— Quem é o próximo da sua lista? — Bauer perguntou ao telefone.

Die Jägerin, Ian pensou. *A Caçadora*. Mas fazia anos não havia pistas de por onde ela andava.

— Há um guarda de Sobibor que estou acompanhando. Vou atualizar o arquivo dele quando voltar a Viena.

— Seu grupo está ganhando reputação. Terceira prisão este ano...

— Nenhum peixe grande. — Eichmann, Mengele, Stangl... os grandes nomes estavam muito longe do alcance limitado de Ian, mas isso não o incomodava muito. Ele não podia pressionar governos internacionais, não podia lutar por deportações em massa, mas *podia* procurar os criminosos de guerra menores que andavam pela Europa. E havia muitos: escriturários, guardas de campo e funcionários que tinham participado da grande máquina da morte durante a guerra. Não poderiam ser todos julgados em Nuremberg; não existiam pessoas, dinheiro ou mesmo *interesse* em nada em escala tão grande. Por isso, alguns foram a julgamento — embora muitosoubessem no banco dos réus em alguns casos que Ian considerava difíceis e sombriamente irônicos —, e os outros simplesmente tinham ido para casa. Voltaram para a família depois da guerra, penduraram o uniforme, talvez tenham trocado de nome ou mudado de cidade se fossem cuidadosos... Mas na verdade tinham simplesmente voltado para a Alemanha fingindo que nada daquilo havia acontecido.

Perguntaram algumas vezes para Ian por que ele tinha abandonado o glamour corajoso do trabalho como correspondente de guerra pela busca obstinada e enfadonha de criminosos de guerra. Uma vida perseguindo a próxima batalha e a próxima história para qualquer lugar que ela levasse, do governo de Franco na Espanha até a queda da Linha Maginot e daí para tudo que se seguiu: escrever uma coluna às pressas curvado debaixo de uma lona que mal o protegia do sol do deserto, jogar pôquer em um hotel bombardeado enquanto esperava por transporte, sentar em uma embarcação com água do mar e vômito

até as canelas ao lado de soldados verdes de enjoo... Do terror ao tédio, do tédio ao terror, sempre oscilando entre os dois em prol de uma manchete de jornal.

Ele trocou tudo isso por um pequeno escritório em Viena repleto de listas, por entrevistas intermináveis com testemunhas que estiveram presas e refugiados enlutados, por uma vida sem manchetes. “Por quê?”, Tony tinha perguntado logo depois de começarem a trabalhar juntos, fazendo um gesto para as quatro paredes do escritório. “Por que deixar tudo aquilo por isto?”

Ian deu um breve sorriso de canto. “Porque é o mesmo trabalho, na verdade. Contar ao mundo as coisas terríveis que aconteceram. Mas, quando eu escrevia as colunas durante a guerra, o que todas aquelas palavras conseguiam? Nada.”

“Ei, conheci rapazes nas fileiras que adoravam sua coluna. Diziam que era a única, além da do Ernie Pyle, que falava diretamente com os soldados que estavam com as botas na terra, e não com os generais nas barracas.”

Ian deu de ombros. “Se eu tivesse morrido no bombardeio sobre Berlim quando acompanhei a tripulação de um Lancaster, ou tivesse sido acertado por um torpedo quando voltei do Egito, haveria centenas de outros escribas para ocupar meu lugar. As pessoas *querem* ler sobre a guerra. Mas hoje não há guerra, e ninguém quer falar de criminosos de guerra soltos por aí.” Ele fez o mesmo gesto para as quatro paredes do escritório. “Não escrevemos manchetes agora, nós as *fazemos*, uma prisão por vez. Uma gota de tinta de jornal por vez. E, ao contrário de todas aquelas colunas que eu escrevi sobre a guerra, não há muita gente interessada em fazer este trabalho. O que fazemos aqui? Conquistamos algo mais importante que qualquer coisa que eu já consegui dizer assinando meu nome no jornal. Porque ninguém quer ouvir o que temos a dizer, e alguém tem de fazer as pessoas nos ouvirem.”

“Então por que você não escreveu sobre nenhuma das nossas

prisões?”, Tony atirou de volta. “Mais pessoas ouviriam se vissem sua assinatura estampada.”

“Cansei de escrever em vez de fazer.” Ian não tinha escrito uma palavra desde os julgamentos de Nuremberg, embora fosse jornalista desde os dezenove anos, um garoto que deixara a casa do pai gritando que trabalharia para viver e não gastaria sua vida tomando uísque no clube e comentando sobre como o país estava cada vez pior. Foram mais de quinze anos debruçado sobre a máquina de escrever, polindo e afiando sua prosa até conseguir que ela cortasse como a lâmina de uma navalha, e agora Ian achava que nunca mais colocaria seu nome em uma matéria de jornal.

Ele piscou, dando-se conta de há quanto tempo estava devaneando com o telefone na orelha.

— O que disse, Fritz?

— Eu disse que três prisões em um ano é algo que precisa ser comemorado — Fritz Bauer repetiu. — Tome um drinque e durma bem.

— Eu não durmo bem desde a Blitz — brincou Ian e desligou.

Os pesadelos daquela noite foram particularmente ruins. Ian sonhou com paraquedas enroscados em árvores pretas e acordou com um grito na escuridão do quarto de hotel.

— Nada de paraquedas — balbuciou, quase não conseguindo se ouvir em razão das marteladas de seu próprio coração. — Nada de paraquedas. Nada de paraquedas. — Caminhou nu para a janela, abriu a veneziana para deixar entrar o ar da noite e acendeu um cigarro que tinha gosto de óleo. Ian tragou a fumaça, inclinando-se sobre o peitoril para olhar a cidade escura. Tinha trinta e oito anos, havia seguido duas guerras por metade do planeta e ficou até de manhã pensando no desejo cheio de raiva de uma mulher às margens do lago Rusalka.

— Você precisa dormir com alguém — Tony aconselhou.

Ian o ignorou, martelando um relatório rápido para Bauer na máquina de escrever que carregava desde que corria pelo deserto atrás dos meninos de Patton. Eles estavam de volta a Viena, cinzenta e desolada, com a concha da casa de ópera queimada ainda testemunhando a passagem da guerra, mas mostrando um grande avanço em relação a Colônia, que tinha sido destruída por um bombardeio e ainda parecia apenas um terreno baldio ao redor de uma cadeia de lagos.

Tony fez uma bola de papel e atirou em Ian.

— Está me ouvindo?

— Não. — Ian jogou a bola de volta. — Jogue isso no lixo, não temos uma secretária para ficar recolhendo coisas do chão.

O Centro de Documentação de Refugiados de Viena, em Mariahilferstrasse, não tinha muitas coisas. As equipes de investigação com as quais Ian trabalhara logo depois da guerra necessitavam de oficiais, motoristas, interrogadores, linguistas, patologistas, fotógrafos, datilógrafos, peritos... uma equipe de pelo menos vinte pessoas, bem direcionadas e pagas. (Não que as equipes já *tivessem* contado com tudo isso, mas pelo menos tentavam.) O Centro ali tinha apenas Tony, que atuava como motorista, interrogador e linguista, e Ian, que ocupava o cargo de datilógrafo, recepcionista e fotógrafo muito pobre. A pensão que recebia pela morte de seu pai, havia muitos anos, mal dava para o aluguel e para as despesas comuns. *Dois homens e duas mesas, e queremos mover montanhas*, pensou Ian, sarcástico.

— Você está melancólico de novo. Sempre fica assim depois que fazemos uma prisão. Você entra em um período azul, como um maldito Picasso. — Tony examinou uma pilha de jornais em alemão, francês, inglês e alguma coisa em cirílico, que Ian não lia. — Tire a noite de folga. Tenho uma ruiva em Ottakring, e ela tem uma colega de quarto de arrasar. Leve-a para sair, conte algumas histórias para ela sobre dar tiros com Hemingway e Steinbeck depois de Paris ter sido libertada...

— Não foi nem um pouco pitoresco como você faz parecer.

— E daí? Floreie! Você tem glamour, chefe. As mulheres adoram os caras altos, sombrios e trágicos. Você tem um metro e oitenta de histórias heroicas de guerra e um passado triste...

— Ah, pelo amor de Deus...

— ... todo abotoado em um terno inglês e um olhar distante do tipo *você não entenderia as coisas que me assombram*. Isso é um chamariz para as mulheres, acredite...

— Já terminou? — Ian arrancou a folha de papel da máquina e balançou a cadeira em duas pernas. — Vá ao correio, depois pegue o arquivo sobre o assistente de Bormann.

— Bem, então morra feito um monge.

— Por que eu aguento você? — Ian disse. — Maldito yankee molenga.

— Inglês filho da mãe mal-humorado — Tony devolveu, vasculhando os arquivos no armário. Ian escondeu um sorriso, sabendo perfeitamente bem por que suportava Tony. Durante suas passagens por três fronts levando uma máquina de escrever e um bloco de anotações, Ian tinha conhecido milhares de Tonys: homens muito jovens usando uniformes amarrotados e caminhando em direção à boca das armas. Garotos americanos amontoados em navios e verdes de enjoo, jovens ingleses voando em Hurricanes com uma chance mínima de voltar para casa... Depois de um tempo, Ian não aguentava olhar para nenhum deles muito de perto, sabendo exatamente quais eram suas chances de conseguir sair dali com vida. Foi logo depois do fim da guerra que ele conhecera Tony, que trabalhava como intérprete na equipe de um general americano que claramente queria que o garoto fosse mandado para a corte marcial e morto por insubordinação e negligência. Ian entendia o sentimento, agora que o sargento A. Rodomovsky trabalhava para ele e não para o Exército dos Estados Unidos, mas Tony foi o primeiro jovem soldado com quem Ian conseguiu fazer amizade. Ele era barulhento, piadista e